

Representação do marroquino na literatura hebraica contemporânea

Representation of the Moroccan in Contemporary Hebrew Literature

Nancy Rozenchan *

Resumo: A principal dificuldade enfrentada pelos imigrantes em Israel, em especial na década de 1950, e em particular pelos provenientes do Marrocos, foi o conceito de “cadinho de fusão”, a concepção forçada de forjar o israelense médio, com a imposição de abdicar de símbolos e valores tradicionais que trouxeram consigo, com a intenção de que absorvessem valores e símbolos da sociedade em que passaram a viver e à qual deveriam se fundir.

Palavras-chave: Israel. Judeus marroquinos. Identidade.

Abstract: The main difficulty faced by immigrants in Israel, especially in the 1950s, and particularly by those coming from Morocco, was the concept of melting pot, the forced conception of forging the average Israeli by imposing that they gave up the symbols and traditional values they brought along in order to absorb the values and symbols of the society in which they started living and with which they were to be merged.

Keywords: Israel. Moroccan Jews. Identity.

Judeus de origem marroquina são uma presença forte em Israel e, como tal, tiveram um registro constante na literatura, no teatro e no cinema daquele país.

Inicialmente, alguns dados informativos. Os judeus se estabeleceram no Marrocos há cerca de 2.400 anos. Quando surgiu o Estado de Israel, em 1948, viviam naquele país africano cerca de 250 mil judeus. Hoje são menos de três mil. A maioria deles mudou-se para Israel.

A principal dificuldade enfrentada pelos imigrantes em Israel naquela época, em especial na década de 1950, e em particular pelos provenientes do Marrocos, foi o conceito de “cadinho de fusão”, a concepção forçada de forjar o israelense médio, com a imposição de abdicar de símbolos e valores tradicionais que trouxeram consigo, com a intenção de que absorvessem valores e símbolos da sociedade em que passaram a viver e à qual deveriam se fundir. A par da aplicação desse princípio, houve uma ingerência intensa, forçada, em todos os âmbitos da vida dos imigrantes, desde o fato de serem direcionados a localidades de moradia em lugares específicos, geralmente em condições muito precárias, isolados dos eixos principais da vida do país, até os ramos de atividades a que foram encaminhados e interferência em hábitos pessoais.

Essa imposição de nivelar todos os israelenses, despojando-os de suas características particulares, levou a um acúmulo de dificuldades e afetou de algum modo o respeito pela estrutura familiar tradicional, fortemente centralizada na figura patriarcal. A sociedade receptora, ou seja, os israelenses de origem européia, referia-se a esses imigrantes, cuja cultura era considerada inferior à cultura ocidental predominante no país, como “primitivos”. Muitas formas de expressão depreciativas foram transmitidas pelos diversos meios de comunicação em relação a estes e outros imigrantes do norte da África; estes as interpretaram como expressão de discriminação e racismo e a reação de insatisfação ouvida com frequência foi que nos países de origem eram chamados “judeus” e, em Israel, eram chamados de “marroquinos” ou *mizrahim*, ou seja, orientais, expressões vistas como pejorativas e que em pouco tempo causaram uma erosão nos relacionamentos entre as diversas comunidades do país.

Quero frisar que este apanhado sucinto é um resumo de um relatório do parlamento israelense, a Knesset, preparado em 2005 pelo seu centro de pesquisa e informação.

Ao chegarem ao país, os marroquinos viveram por dois meses em acampamentos de imigrantes, a seguir foram levados às *maabarot*, moradias rústicas [tendas e barracões de lata] que apesar de serem previstas para serem utilizadas por um breve período, perduraram por muito tempo. Segundo o mesmo relatório, a classe dominante asquenazita de Israel nada sabia a respeito das tradições e aspirações dos imigrantes e julgou erroneamente estes novos israelenses pelo seu grau de pobreza, pelo “pavio curto” que os levava a irromperem rapidamente em contendas e pela falta de capacidade de integrar-se na sociedade do país. O menosprezo no relacionamento com os novos imigrantes afetou a vida dos marroquinos mais do que a pobreza que perdurou por décadas.

As desigualdades comunitárias em Israel transformaram-se em discriminação, criou-se tensão, animosidade, um clima de suspeições mútuas. Uma espécie de confronto entre irmãos foi alimentada por sentimentos e situações de difícil superação.

Os sentimentos de injustiça pelas discriminações e consequentes desigualdades sócio-econômicas, assim como seu isolamento em todos os níveis de vida nacional foram logo nitidamente perceptíveis entre os imigrantes marroquinos. Em 1977, esta geração, que anteriormente não fora alvo dos interesses políticos amplos, elegeu Menahem Beguin e seu partido Likud de direita para substituir o tradicional governo trabalhista, que consubstanciara o caráter sionista do país até então, com a mencionada política de “cadinho de fusão” e conseqüente distanciamento desta população para a periferia do país. A eleição do partido Likud de oposição foi entendida também como uma reviravolta sefardita/*mizrahi*, que viu no partido de Beguin o partido do protesto. Esta vitória marca a data em que sefarditas e *mizrahim* começam a erguer a cabeça e com apoio político dão início à tarefa de conquistar o espaço e posições que nunca tinham sido seus; este fenômeno penetrou também a comunidade mais religiosa, fato que levaria alguns anos depois, em 1984, à fundação do partido religioso Shas, pelo rabino sefardita Ovadia Yossef e pelo rabino asquenazita El'azar Menahem Mann Shach.

Ao menos por quatro décadas, imigrantes do Marrocos e seus descendentes viveram principalmente em localidades e cidades da periferia e nas assim denominadas “pequenas cidades em desenvolvimento”, locais que não gozaram de recursos suficientes e cujo desenvolvimento econômico lento fez com que somente aumentassem as brechas sócio-econômicas entre judeus do Marrocos e os que habitavam as principais cidades do país.

É natural que com o passar dos anos esta situação começou a se diluir, mas somente em parte. A comunidade marroquina em Israel, conforme dados de 2005 da Federação Mundial dos Judeus do Marrocos, é constituída hoje por 750 mil pessoas. Friso em particular os marroquinos por comporem a maior fatia dos assim chamados judeus orientais/*mizrahim*. Hoje, no geral, judeus *mizrahim* de todas as origens e seus descendentes representam cerca da metade da população de Israel.

A respeito da representação do marroquino na literatura e em outros campos. Já desde o final da década de 1940 houve autores asquenazitas que incluíram marroquinos em algumas obras. Mas esta foi uma presença extremamente discreta, quase imperceptível; houve casos em que foi uma representação bizarra. Uma presença bem mais marcante e que atingiu um público muito maior deu-se a partir da década de 1950 no teatro.

TELEM [Teatro para as *maabarot*, os campos provisórios de moradias de imigrantes] montou então três peças de importantes autores israelenses, com textos voltados especificamente para promover um conhecimento mútuo entre imigrantes, *mizrahim*, em sua maioria, e a população veterana do país. Das peças destaque *Casablan*, de 1954, da autoria de um dos importantes escritores da geração, Yigal Mossinsohn, autor imbuído do espírito sionista/israelense de então, que professava o ethos do kibutz em que vivia. O enredo traz um bairro miserável de Iafó, habitado por imigrantes e veteranos. Casablan, personagem principal, é originário do Marrocos e comanda um grupo de malfeitores que

perturba os habitantes locais. Casablan vive amargurado e sente-se discriminado porque seus antigos companheiros do exército o menosprezam e abandonam. Ele está apaixonado por uma jovem asquenazita, mas um rival pelo amor da moça faz com que Casablan seja acusado de tentativa de agressão e preso. Quando se liberta, prova sua inocência e ganha o respeito de todo o bairro.

Em 1966 a peça transformou-se num musical que foi levado à cena centenas de vezes, fato inusitado para os padrões da época. Em 1973, *Casablan* tornou-se um filme de sucesso, assistido até hoje. O papel principal do musical e do filme foi representado por Iehoram Gaon e várias das músicas são bastante conhecidas mesmo fora de Israel, como “Col hacavod” [Parabéns] e “Iesh makom” [Há lugar], em que menciona as saudades da cidade de Casablanca. Tudo isto é citado aqui para relatar que o personagem Casablan tornou-se um ícone nacional. E mais, a peça, de 54, e o musical que se seguiu diferem totalmente do filme que muita gente pode conhecer. Na peça, Casablan é acusado de esfaquear alguém. O símbolo do marroquino na década de 1950 foi a faca. O epíteto comum foi *marocai sakin* [marroquino – faca]. O que se vê no filme vinte anos mais tarde, é um gatuno, não mais um homem armado. Outra diferença importante entre ambos é que na peça dificilmente Casablan poderia ter acesso a uma moça asquenazita; no filme isto é mais viável e ele acaba ficando com a mocinha. O filme foi comercializado como “um musical para toda a família”.

Iehoram Gaon criou no filme um personagem romântico, não ameaçador, representou, cantou e dançou, um personagem que simboliza mais a cultura sefardita de Jerusalém antiga do que a do marroquino da década de 50, um personagem que despertou uma identificação maior com os anseios do público e refletiu a tentativa de apaziguar os *mizrahim* com uma figura muito atenuada. As diferenças significativas no enredo e na caracterização dos personagens apontam para uma grande virada na representação da década de 50 e a da década de 70.

Uma ampla lista de escritores, poetas, cineastas, artistas que em sua arte expõem a sua vivência ou visão do mundo *mizrahi* pode ser enumerada.

Nesse sentido, hoje, o principal periódico literário dedicado a *mizrahim*, *Hakivun mizrach*, expressa a sua posição de retificar a situação dos judeus orientais voltando-se, como muitos o fizeram e continuam a fazê-lo, contra a política israelense inicial do “cadinho de fusão” que apesar de suas boas intenções demonstrou ser uma prática opressora. Segundo o editor de alguns dos números da revista, Yitzhak Gormezano Goren,¹ esta política, ainda que desativada, continua a ser prejudicial, pois a segunda geração de judeus marroquinos e orientais em geral – dentre os quais ele próprio se inclui – têm uma grande parcela de culpa própria pela situação que se seguiu, pois eles, os filhos dos imigrantes, serviram intensamente como “agentes” do sionismo para oprimir a especificidade dos seus pais. “Mas, com os anos”- diz Gormezano – “muitos de nós nos arrependemos e começamos a falar de consciência oriental, numa tentativa de recuperar os destroços e constituir algo.” Assim, é do seio da própria comunidade oriental que vem a intenção de reparar a situação dos *mizrahim* em Israel.

Os membros desta segunda geração, produto da educação nacional sionista que propugnou a negação da diáspora judaica, negaram os seus pais, zombaram de seu tradicionalismo e costumes autênticos e empenharam-se em lhes impor a israelidade convencionalizada de então.

Estes se sentem culpados agora ante a repulsa que manifestaram em relação aos pais e o vazio que deixaram para a terceira geração. A literata Iafa Berlovitz considera que os membros da segunda geração, com a sua dose de culpa, assumiram uma tarefa difícil: não só reconstituir e recompor os fragmentos culturais que restaram, mas também lutar pelo seu lugar adequado na cultura do país, ou seja, instituir em Israel um novo orientalismo judaico que represente uma alternativa competitiva para a israelidade prevalente. Assim, escritores e intelectuais têm se empenhado num trabalho intelectual centrado nas questões “o que é o orientalismo judaico” e “o que é a cultura oriental judaica”, que tem

levado a coletar e a localizar materiais relevantes no passado e no presente, ler, interpretar, dar significado aos mesmos. Na prática, trata-se basicamente de um diagnóstico de consciência cultural reflexiva, que vem privilegiar o orientalismo e examiná-lo por meio de categorias básicas como identidade, memória, biografia, língua, lugar, seja em contextos de sociedade, nação, gênero e etc., ou em contextos de criação em seus diversos âmbitos [cinema, teatro, poesia, artes plásticas].

A partir da década de 70 teve início uma verdadeira explosão de criatividade emergindo da consciência *mizrahit* na escrita, música, teatro, arte e cultura popular. Importantes obras da literatura israelense surgiram a partir da problemática *mizrahit* com suas preocupações sobre identidade, memória, língua e relações maioria/minoria, o que tem sido expresso de diversas formas. Vamos nos centrar em alguns nomes de maior evidência no momento.

Dudu Bussi [1969 -], um dos autores *mizrahim* de grande destaque atualmente, em entrevistas, declara que passou por processos de apagamento da identidade semelhantes àqueles de seus personagens. Bussi considera que quando um *mizrahi* fala de sua orientalidade, principalmente da supressão de identidades, isto, no público em geral, transforma-se automaticamente em assunto não relevante e ele passa a ser chamado de “chorão”, “filme turco”.

Na posição política apresentada no terceiro dos romances de Bussi, *Ima mitgaagaat lemilim* [Mamã tem saudades de palavras, Jerusalém, Keter, 2006] de um lado é exposta a estrutura social e, de outro, a preocupação de conscientizar o leitor sobre o processo de repulsa e aniquilamento da família e das raízes. A família retratada na obra é de origem iraquiana; neste caso não há diferença entre ela e uma de origem marroquina. O personagem expressa-se como alguém que passou pelo que a segunda geração de imigrantes foi obrigada a passar, eliminação de consoantes guturais de sua fala [*ain* e *het*], envergonhar-se pelo estilo de música apreciado e pelos assim chamados “filmes burekas”,² tão populares no seio desta parcela da população. Bussi considera que todos da segunda geração sentiram a mesma dor de uma forma ou outra. Seus personagens são pessoas que vivem à margem do fluxo principal da vida do país. Considera que talvez eles devam simplesmente ser denominados de sobreviventes, pessoas que lutam pelo sustento, pelas coisas mais básicas da vida. Houve um grande empenho por parte dos *mizrahim* de se transformarem em israelenses, de integrar-se e apagar as raízes dos respectivos pais. Supressão da identidade, cancelamento dos pais, desenraizamento, retorno e redenção são uma constante nesta escrita. Para o autor, também asquenazitas passam pelo mesmo processo, uma vez que foram obrigados a eliminar a língua iídiche de suas vidas. Bussi declara que tanto na segunda como na terceira gerações *mizrahim* e asquenazitas entendem que suprimiram as gerações anteriores para criar o novo judeu sabra, o nativo de Israel.

Bussi, que é filho de pai iemenita e mãe persa, conta que mesmo isto foi e, de certa forma, continua sendo alvo de disputas e discriminações; uma parte zomba da outra.

Sami Berdugo [1970], outro escritor de destaque, filho de imigrantes do Marrocos, também escreve em seus livros sobre os problemas de discriminação dos orientais. Ele dá aos sefarditas uma voz em seus livros. Muito jovem, Berdugo se via como exceção, seja no relacionamento com os pais, na sua israelidade, pelo seu nome que ele considera estranho e alvo de desconforto, pela sua masculinidade. Seu terceiro livro, *Ietomim* [Órfãos, Tel Aviv, Hassifriyá hahadashá, 2006], que a seu ver é um passo adiante na sua “saída do armário”, trata da crise da busca identidade masculina, israelense e oriental.

Segundo Berdugo, a tragédia da sua geração é maior do que a dos seus pais. Diz ele “Nós nascemos em Israel, os primeiros nativos. Você vê Israel que se desenvolve, seus livros, poesia, instituições, amores, mas então você volta para casa, olha para os pais e pergunta como é que eles estão vinculados a isto. Eles falam francês e marroquino, na sexta-feira vão à sinagoga. Você não pode imaginar como

me irritava na infância ter que ler cartas para a minha mãe. E eu não podia dizer a ela, leia você mesma, porque ela é analfabeta.

Mesmo consciente do pano de fundo *mizrahi* em sua escrita, Berdugo anseia que a sua obra seja vista pelo ângulo da poética, do relacionamento intenso entre personagens. É verdade que os relacionamentos são elaborados naquele ambiente de *mizrahim* que lhe é bem conhecido e do qual não é capaz de se desligar.

Sami Berdugo diz a respeito do seu último livro: “Há aqui um grito mudo de duas pessoas da periferia israelense. Ambos sofrem a solidão e tentam deslindar a sua identidade no meio da sociedade. Movem-se em meio a relações de amor e ódio à questão de ‘lugar’ israelense e o anseio oculto pelo local de onde vieram. Os personagens não conseguem se entrosar e ejetam-se, tentam estabelecer um território próprio e fracassam. Assim, na prática, tornam-se órfãos, desvinculados de tudo. A idéia de orfandade na sociedade israelense me acompanha em toda a minha escrita. Eu também sou órfão [o pai morreu quando ele tinha treze anos] e sem dúvida isto influenciou bastante a minha escrita, mas não sou órfão de língua, tenho a língua hebraica e só nela posso me expressar. Este é o único bem que tenho ao meu alcance.”

Bussi, Berdugo são escritores relativamente jovens, já aquinhoados com diversos prêmios. Vale acrescentar aqui o nome de Sara Shilo, também ela premiada pelo seu primeiro e único romance, *Shum gamadim lo iavou* [Nenhum duende vai aparecer, Tel Aviv, Am Oved, 2006]. Filha de pai sírio chegado a Israel ainda na década de 30, e mãe proveniente do Iraque, que viveu nas *maabarot*, mesmo não tendo sofrido quaisquer restrições do ponto de vista econômico e educacional, ao contrário, era filha de uma família abonada, também não deixou de sentir na própria pele as discriminações por ser uma *mizrahit*. Vivendo nos bairros elegantes de Jerusalém, cidade onde nasceu, mais de uma vez foi questionada sobre qual era a sua origem, particularmente pelo sobrenome de então – Bavli – que não fazia parte do rol dos nomes europeus pomposos dos bairros e escolas.

Sara Shilo resolveu muito jovem trocar de ambiente e no serviço paramilitar decidiu ir a uma cidade em desenvolvimento, Maalot, onde durante longos anos atuou em serviços institucionais, escolas, centro de arte, etc.. O seu livro traz uma família de origem marroquina que vive em uma aldeia sem nome junto à fronteira norte do país, em que os habitantes sofrem a ameaça de foguetes “Katiusha” e de ataques terroristas. Maalot pode ser vista como modelo. A cidadezinha, cujas primeiras populações na década de 50 foram marroquina e romena, que passou por um grande ataque terrorista em 74 e que em 2006, na segunda guerra do Líbano, foi atingida por mais de 600 “Katiuchas”. A vida dos membros da família Dadon, em constante risco, e de seu ambiente, é trazida através dos monólogos da mãe, Simona, e de quatro de seus seis filhos.

O livro de Sara Shilo é um livro *mizrahi*. São poucas as obras israelenses que permitiram que os personagens falassem em sua língua, e é num hebraico incorreto, repleto de entonações marroquinas em que quase todas as personagens se expressam. São poucas as obras que deram autonomia total às personagens de viver uma vida oriental; aqui praticamente não há uma presença asquenazita.

Shilo, na linguagem incorreta de diversos personagens, traz o universo de marroquinos em sua pequena vida longe das grandes cidades. Simona, a mãe, fora “a rainha do faláfel”³ enquanto seu marido vivia. Com a morte súbita do marido falafeiro, logo após o }*bar-mitsvá* do filho mais velho, Simona torna-se uma mulher sufocada entre o trabalho em um berçário e os cuidados de sua família. É do trabalho e dos filhos que ela fala no intervalo entre a queda de foguetes. “Quem pensaria que a Katiucha me encontraria fora de casa? Há seis anos não saio de casa. Ando sem pensar, casa-trabalho-mercado-casa-trabalho-casa-médico-casa-trabalho.” “A comida que deixei em cima da mesa, o cuscuz da terça-feira com frango e abóbora e grão de bico dentro. Estou parada e as Katiushas me caem em

cima da cabeça e o que é que eu tenho dentro da minha cabeça? Se comeram o cuscuz antes que caísse a primeira e se foram para o abrigo de barriga vazia.”

É da fala simplória de Simona e dos filhos que vai se constituindo o universo miúdo desta família marroquina, mas a soma das frases curtas e aparentemente sem importância é que constrói um universo rico em que não há um protesto contra a vida no país, e sim um retrato de como se constituiu a vida em uma localidade em que a vida pessoal ruiu, sem outras perspectivas aparentes a não ser sobreviver aos ataques inimigos.

Obra rica, o livro de Sara Shilo insinua várias leituras possíveis. A perda do pai da família, e o desleixo a que é relegada a família por parte da família patriarcal do falecido representa também o abandono que o governo tem por ela; a morte do marido também representa para Simona uma autodescoberta: dispensada de sexo, procriação, partos, cuidado direto dos filhos [na narrativa os filhos cuidam uns dos outros], viuvez fazem-na perceber a liberação da opressão masculina. Entretanto, a falta de opção de se libertar da vida mirrada no bairro pobre e ameaçado, conduz Simona ao desejo de que um dos foguetes inimigos a mate. A busca realizada pelos filhos maiores também não representa uma saída: dois deles tentam adestrar um falcão que possa livrá-los dos terroristas, e o mais velho tenta economizar para comprar uma moradia inacessível em uma cidade que tenha mais recursos e seja menos perigosa.

Em contraste, o monólogo final da filha adolescente, que tenta imitar uma famosa locutora de rádio, em uma linguagem escurra, aponta para uma direção diversa. É como se ela, Ety, não vivesse naquela cidade; em espírito ela realmente partiu. Ela, que como mãe cuida dos irmãozinhos gêmeos de seis anos, que nasceram após a morte do pai, debate-se entre o desejo de revelar aos dois a verdade sobre suas vidas [depois que as crianças nasceram o irmão mais velho, então com treze anos, transferiu-se para a cama da mãe para dar a impressão aos pequenos de que era seu pai] ou calar para preservar a estrutura tênue da família.

Uma leitura alegórica do livro de Sara Shilo e outros é também uma leitura da israelidade oriental/*mizrahi* existente com que escritores contemporâneos estão reconstituindo/elaborando a identidade desta grande parcela da população sufocada pela sua própria história e pelo seu viver no país. Várias das principais correntes da cultura israelense contemporânea como um todo são o resultado do processo em vigor entre artistas *mizrahim* de retomar o seu passado para criar uma cultura nova única. Os tipos de complexidades envolvidas na recriação de identidade e de transmissão de diferentes versões do passado e presente colocam o trabalho de personagens culturais *mizrahim*, dentre eles os escritores, muito dentro dos termos de debates atuais que ocorrem nos mais diversos países sobre tradições culturais, dentro das diversas culturas nacionais onde tais elementos se abrigaram.

* **Nancy Rozenchan** é Professora Livre Docente da USP, ensaísta e tradutora.

Notas

¹ Citado por BERLOWITZ, Iafa. *Lehapes shivui mishkal al lahav hataar, o mahi kriá mizrahit* [Procurar equilíbrio sobre o gume da navalha, ou o que é leitura oriental. *Haaretz*, 09/11/2004. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=499416&contrassID=2&subContrassID=12&sbSubContrassID=0> Acesso em: 5 set. 2009.

² *Burekas*: folhado recheado típico das comunidades sefarditas. “Filme *burekas*” – série de filmes israelenses, comum na década de 60, com mescla de melodrama e comédia sobre confrontos entre segmentos diversos da população, que tinham suas particularidades acentuadas de forma exagerada.

³ Bolinho frito à base de grão de bico.

Referências

ALCALAY, Ammiel [org.] *Keys to the Garden: New Israeli Writing*. São Francisco, City Lights Books, 1996.

BERLOVITZ, Iafa. Lehapen shivui mishkal al lahav hataar, o mahi kriá mizrahit [Procurar equilíbrio sobre o gume da navalha, ou o que é leitura oriental]. *Haaretz*, 09/11/2004. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=499416&contrassID=2&subContrassID=12&sbSubContrassID=0> Acesso em 5 set. 2009.

BLOOM, Eytan. *Hashichpul shel hamodel “mizrahi” bassadê hahevratí haisraeli – shnot hahamisshim vechaaliya hameira* [Duplicação do modelo “oriental” no campo social israelense – os anos cinqüenta e a imigração rápida]. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas Lester e Sally Antin, Unidade de Pesquisa da Cultura, sob orientação do Prof. Itamar Even-Zohar, maio de 2003. Disponível em <<http://www.wau.ac.il/tarbut/tezot/bloom-mazraxim.pdf>> Acesso: em 25 ago. 2009.

IZHAR, Uri. Mizrahim beIsrael: beaya, korban o kol atsmi? [Orientais em Israel: problema, vítima ou voz independente?] Crítica sobre o livro HEVER, Hanan, Shen’hav, Yehouda, Motzafi-Haler, Pnina [editores] *Mizrahim beIsrael: Iyun bikorti mehudash*, [Orientais em Israel: Estudo crítico renovado] Machon Van Leer/ Hakibutz Hameuchad, 2002. *Hakéshet hademokratit hamizrahit*. Dezembro 2002. Disponível em: <www.kibbutz.org.il/mifne/articles/02122/izhar.htm> Acesso em: 30 ago. 2009.

MADMONI-GERBER, Shoshana. Kikar hahalomot – Circle of Dreams. In Dönmez-Colin, Gönül [editora]. *The cinema of North áfrica and the Middle East*. Wallflower Press, Londres e Nova York, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=3wbp5axcqwQC&pg=PA207&lpg=PA207&dq=%22Dudu+Busi%22&source=bl&ots=59E8x5MIqM&sig=Llju0niesUCvI9-Kj2ESGB6hWWk&hl=pt-BR&ei=lyCPSsWyI56MtgehuHOBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1#v=onepage&q=%22Dudu%20Busi%22&f=true> Acesso em: 14 set. 2009.

MEI-ANI, Naomi [redatora]. *Mismach reka banosse: Yahadut Maroco – aliyá uklitá* [mugash lehavrat haknésset Colette Avital]. [Relatório básico sobre o tema: O judaísmo do Marrocs – imigração e absorção – apresentado à deputada Colette Avital]. *Haknésset – mehkar umeidá*. Jerusalém, 22 de maio de 2005. Disponível em: <www.knesset.gov.il/MMM/data/docs/m01109.doc>. Acesso em: 14 set. 2000.

RAPOPORT, Miron. Tsarich lehavin, anachnu holim [é preciso entender, estamos doentes]. *Haaretz*, 22/09/2006. Disponível em: <www.haaretz.co.il/hasite/pages/766003.html>. Acesso em 13 set. 2009.

SHILO, Sara. *Shum gamadim lo iavou* [Nenhum duende vai aparecer]. Tel Aviv, Am Oved, 2006.

SHMUELOFF, Mati. Ars im agenda: reayon im assofer vehaitonai Dudu Bussi [Marginal com agenda: entrevista com o escritor e jornalista Dudu Bussi] In *Mevukash ms. 2*, site de Mati Shmueloff, 8/11/2006. Publicado originalmente in *Anashim*, número 505, p. 20-24, 8/11/2006. Disponível em: <<http://www.notes.co.il/mati/24922.asp>> Acesso em: 30 ago. 2009.

VIG, Shoshana. Peguisha im sofer – Sami Berdugo ‘Eino roe derech aheret lichtov ela al hapetsaim shelanu’ [Encontro com escritor – Sami Berdugo ‘Não vê outro modo de escrever a não ser sobre as nossas feridas’]. 10/1/2008. Disponível em *Reader.co.il* <<http://www.reader.co.il/article/7498/>> Acesso em: 20 ago. 2009.